

Em busca do sentido do texto: aproximações entre hermenêutica e fenomenologia no pensamento de Paul Ricoeur

Thiago Rafael Englert Kelm¹

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar as aproximações entre hermenêutica e fenomenologia no pensamento de Paul Ricoeur. Diferentemente da hermenêutica clássica que entendia ser possível encontrar um sentido oculto no texto deixado ali pelo autor, a hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur volta seus olhares para o mundo de possibilidades aberto pelo texto. Nessa perspectiva, a experiência do sujeito-intérprete interfere necessariamente na construção de sentido do texto que se desenha na mente do leitor tal como este o possa conceber. Diante disso, a hipótese é de que a experiência hermenêutica sempre se constitui fenomenologicamente, de modo que a aproximação entre hermenêutica e fenomenologia no pensamento de Ricoeur se dá a partir da experiência do sujeito-intérprete em face do texto.

Palavras Chave: Paul Ricoeur. Hermenêutica. Fenomenologia. Sentido do texto.

Abstract: This article's objective is to analyze the approaches between hermeneutics and phenomenology in the thought of Paul Ricoeur. Unlike classical hermeneutics it was looking for a hidden meaning in the text placed there by the author, the phenomenological hermeneutics of Paul Ricoeur focuses on the world of possibilities opened by the text. In this perspective, the experience of the subject-interpreter necessarily interfere with the construction of the meaning of text that appears in the reader's mind, such as this can conceive. Thus the hypothesis is that hermeneutics experience is always constituted phenomenologically, so that the rapprochement between hermeneutics and phenomenology in Ricoeur happens around the subject-interpreter experience in relation to the text.

Keywords: Paul Ricoeur. Hermeneutics. Phenomenology. Text meaning.

Introdução

Durante muito tempo a hermenêutica foi compreendida como uma ciência normativa e técnica, capaz de prevenir a arbitrariedade no campo da interpretação. Entretanto, com o advento da fenomenologia, ocorreram mudanças fundamentais no campo hermenêutico. Um dos principais representantes dessa mudança foi o filósofo francês Paul Ricoeur. De acordo com Ricoeur (1989), sua filosofia é caracterizada pela frequentação da filosofia reflexiva; a fenomenologia de Edmund Husserl; e a variante hermenêutica dessa fenomenologia. Ricoeur rompe com alguns pressupostos fundamentais da hermenêutica clássica e propõe um fazer hermenêutico em que “o horizonte do mundo do leitor funde-se com o horizonte do mundo do escritor. E a idealidade do texto é o vínculo mediador neste processo de fusão de horizonte” (RICOEUR, 1976, p. 105). Em Ricoeur, o olhar do intérprete não está mais voltado especificamente para a intenção do autor, antes dirige-se para o mundo de possibilidades aberto pelo texto. Essa forma de encarar o texto aponta para uma aproximação substancial entre hermenêutica e fenomenologia, e diante disso, a presente pesquisa tem por objetivo analisar como se dá essa aproximação e quais as implicações disso para a compreensão do sentido do texto.

Hermenêutica e fenomenologia

A Hermenêutica (do grego *Hermeneia*) pode ser compreendida de maneira geral como “teoria da interpretação”. De acordo com Josgrilberg (2012) a hermenêutica está enraizada no próprio modo de ser humano e reflete uma inquietação

¹ Bacharel em teologia (CEUCLAR). Especialista em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo; e-mail: thiagoenglert@hotmail.com.

de caráter originária que se expressa na busca e doação de sentido. O ser humano está envolvido continuamente na tarefa interpretativa de tal modo que a hermenêutica tem sua origem na própria trama de sentido na vida, uma experiência que se desenvolve através das variadas expressões da criatividade humana como obras de arte, monumentos, textos, mitos, memórias, costumes, tradições, etc. Em todas estas expressões, a marca do espírito humano está impressa e demarca o caminho por meio do qual o ser humano se traduz e se interpreta. Embora o “mundo da vida” seja o lugar originário do fazer hermenêutico, seu desenvolvimento se deu especialmente em torno da interpretação de textos, e dessa forma, “A hermenêutica trata do sentido que assumiu forma de texto para mostrar não apenas as características textuais, mas a sua mensagem ou elaboração de sentido que faz e suas ramificações com a vida” (JOSGRILBERG, 2016, p. 80)

Entretanto, Grondin (1999) comenta que durante muito tempo a hermenêutica foi compreendida em termos de uma doutrina que seria capaz de apresentar as regras de uma interpretação competente. Seu objetivo era de natureza predominantemente normativa e técnica e se restringia à tarefa de dar alguns pressupostos metodológicos às ciências declaradamente interpretativas, com o objetivo principal de prevenir a arbitrariedade no campo da interpretação. Na tradição clássica, a ação de interpretar estava relacionada ao “descobrimento” de um significado ou sentido oculto presente no texto. A hermenêutica, portanto, possibilitaria o acesso àquilo que o autor da obra teria em mente no momento em que a produziu, sendo possível com isso chegar a um acordo preciso sobre o que o texto diz.

De acordo com Ricoeur (1989), há nessa proposta uma preocupação com o processo técnico da hermenêutica. O texto nessa tradição é visto como possuidor de uma verdade objetiva que deve ser entendida de forma correta de tal modo que a análise do autor e sua intenção se tornam indispensável². Todo esse processo resultou numa hermenêutica que por um lado é romântica em seu objetivo de compreender a psicologia do autor e também crítica em seu propósito de elaborar regras de compreensão que possam ser universalmente válidas. Por consequência, o intérprete então é encarregado de conhecer a vida e obra do autor bem como o contexto histórico em que o texto foi escrito, para com isso conseguir desvelar seu pensamento.

Já nos séculos XIX e XX teve início o desenvolvimento do método fenomenológico. O pioneiro desta proposta filosófica foi Edmund Husserl, considerado pai do movimento fenomenológico contemporâneo. Para Husserl (2006) a fenomenologia é uma ciência de “fenômenos”, uma ciência que para ser compreendida em sua essência, exige uma maneira totalmente nova de se orientar, algo diferente da orientação natural na experiência e no pensar. Dessa forma, “*a fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como ciência de fatos, mas como ciência de essências* (como ciência ‘eidética’); como ciência que pretende estabelecer exclusivamente ‘conhecimentos de essência’” (HUSSERL, 2006, p. 28, grifo do autor).

Entretanto, esta busca pela essência vem acompanhada pelo exercício de compreender as essências na existência, isto é, o elemento essencial deve ser compre-

² Ricoeur está se referindo aqui especificamente a hermenêutica de Schleiermacher. Para Schleiermacher (2005) o discurso está relacionado com o todo da linguagem e com o todo do pensamento do autor. O discurso adquire o caráter de ser a encruzilhada da compreensão que se constitui pela interpretação gramatical e psicológica. A interpretação gramatical está voltada para o enunciado como algo derivado da linguagem, e a psicológica interpreta o enunciado como um fato dentro do pensador. Para Schleiermacher seria possível com isso haver uma simpatia do leitor com o autor, e essa simpatia poderia gerar uma congenialidade entre ambos. Dessa forma, seria possível também realizar não apenas uma análise gramatical do texto, mas reconstruir o pensamento do próprio autor, inclusive “compreender um autor melhor do que ele de si mesmo pode dar conta” (SCHLEIERMACHER, 2000, p.43).

endido desde a existência da própria realidade da condição do ser humano no mundo, a partir da própria dinâmica da vida das pessoas. A fenomenologia vai se dedicar portanto a analisar a maneira em como as pessoas organizam sua vivência através de um processo de significação e de como isso é assumido existencialmente por elas. Ou seja, é a ciência do sentido das coisas no mundo. Para Husserl, essas “formações de sentido” por sua vez se dão sempre a partir do “mundo da vida” (*Lebenswelt*).

Mundo da vida é um aspecto fundamental nessa proposta filosófica. Para a fenomenologia não é possível compreender a realidade senão a partir da dinâmica da vida das pessoas. Merleau-Ponty trabalha isso em termos de facticidade, ou seja compreender as experiências a partir da própria condição humana no mundo. “É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 2). Quando se fala em mundo ou “mundo da vida” (*Lebenswelt*), deve-se entender por isso não o mundo da natureza, mas este mundo que é produto dessa experiência intencional, ou seja, um mundo que decorre de um sentido que se dá a própria experiência de viver no mundo. O mundo é, portanto, esta experiência de viver e que permite transformar-se pelas pessoas. Nesse sentido, a fenomenologia defende a ideia de estar em contato com este mundo como se fosse a primeira vez (*epoché*), pois é nesse contato que surge possibilidades de encontrar novos sentidos que possam desafiar os hábitos já instituídos. Voltar ao mundo ou retornar as coisas mesmas é abrir-se ao mistério que pode dar novas percepções da realidade, ou novas possibilidades de construção de sentido e de significado.

Sendo assim, as experiências em que a fenomenologia se baseia, são maneiras de significar o mundo. Aquilo que alguém designa como algo do mundo, para a fenomenologia, nunca é o objeto em-si, mas sempre um objeto para alguém. Este objeto, é sempre um objeto para alguém naquele instante em que se está vivendo a experiência fenomenológica da coisa, porque no instante seguinte poderá ser um fenômeno diferente. É neste relacionar-se dos objetos com as pessoas que se torna possível a constituição do “eu”. É nessa relação com o mundo que se constitui um jeito de viver ou um modo de habitar, pois tudo que existe está nessa relação consciência-objeto. Este mundo se constitui, portanto, no solo das possibilidades das percepções humanas e de construção de sentido de mundo, este é, portanto, o mundo da vida, um mundo que é construção da experiência humana e que só às pessoas faz sentido.

Aproximações entre hermenêutica e fenomenologia no pensamento de Ricoeur e as implicações para a busca do sentido do texto.

No pensamento de Ricoeur, hermenêutica e fenomenologia se entrecruzam. Segundo Josgrilberg (2012), a hermenêutica contemporânea se descola da técnica e da arte e vai em direção ao jogo hermenêutico das questões que afetam o modo de ser humano no mundo da vida, e nesse sentido, a hermenêutica se revolve em uma hermenêutica fenomenológica e filosófica. “A designação ‘hermenêutica fenomenológica’ nos remete em especial às teorias interpretativas de Paul Ricoeur e Hans Georg Gadamer (‘hermenêutica filosófica’), seus principais representantes” (JOSGRILBERG, 2012, p. 38). Na hermenêutica ricoeuriana o texto deixa de ser visto como sendo possuidor de um único sentido. Essa postura de Ricoeur apresenta uma primeira pista de seu distanciamento com a hermenêutica clássica e conseqüentemente apresenta também uma abordagem que não está pautada numa lógica puramente técnica. Como afirma Ricoeur:

Se um texto pode ter vários sentidos [...], é preciso recorrer a uma noção de significação muito mais complexa do que a dos signos ditos unívocos que uma lógica da argumentação requer [...]. Por consequência, a hermenêutica não poderia permanecer uma técnica de especialistas [...], ela põe em jogo o problema geral da compreensão. (RICOEUR, 1978, p. 6)

De acordo com Ricoeur (1976) a hermenêutica, tal como era entendida em Schleiermacher e Dilthey, tendeu a identificar a interpretação com a categoria de compreensão, definindo esta última como o reconhecimento da intenção de um autor do ponto de vista dos primitivos endereçados, na situação original do discurso. Para Ricoeur, este tipo de hermenêutica é psicologizante e “provém de um duplo mal-entendido que leva, por sua vez, a atribuir uma tarefa errônea à interpretação, uma tarefa que se exprime bem no famoso *slógan* ‘compreender um autor melhor do que ele a si mesmo se compreendeu’ (RICOEUR, 1976, p. 34)

Dessa forma, assumindo uma posição contrária à de Schleiermacher, Ricoeur entende que o texto, uma vez expresso, escapa da própria capacidade de controle do autor. O autor deixa de ser o dono de seu texto. Este ponto é o que mais enfaticamente marca a oposição entre a hermenêutica romântica e a hermenêutica proposta por Ricoeur. Como enfatiza o pensador francês, diferentemente da posição assumida pela hermenêutica romântica, “temos de conjecturar o sentido do texto porque a intenção do autor fica para além do nosso alcance” (RICOEUR, 1976, p. 86).

Pode-se dizer portanto, a partir das obras de Ricoeur, que o texto é um “filho” que se torna independente a partir do momento que sai do ventre. Dessa forma, o distanciamento entre o texto e seu autor se apresenta como um fator constitutivo para interpretação. De acordo com Ricoeur:

Ao libertar-se da presença corporal do leitor, o texto se liberta de seu autor, isto é, ao mesmo tempo da intenção que se espera que o texto deva exprimir, da psicologia do homem por trás da obra, da compreensão que esse homem tem de si mesmo e de sua situação, de sua relação de autor com o seu primeiro público, destinatário originário do texto. Esta tripla independência do texto em relação ao autor, ao seu contexto e ao seu destinatário primeiro, explica que os textos estejam abertos para incontáveis recontextualizações pela escuta e pela leitura, em réplica à descontextualização contida potencialmente no próprio ato de escrever ou, mais exatamente, de publicar (RICOEUR, 1976, p.183-184).

A autoria do texto portanto morre com o último ponto final, porque daí em diante, nada desse texto continua a pertencer a seu autor. Tendo isso em conta, a pergunta que se deve levantar diante do texto não está mais relacionado com aquilo que o texto está dizendo ou pode dizer, mas com aquilo que a pessoa pode falar a respeito do texto.

De acordo com Ricoeur (1976) há uma desconexão da intenção mental do autor relativamente ao significado do texto. “Em relação ao que o autor quis dizer e ao que o texto significa. A carreira do texto subtrai-se ao horizonte finito vivido pelo seu autor. O que o texto significa interessa agora mais do que o autor quis dizer, quando o escreveu” (RICOEUR, 1976, p. 41). O texto é portanto tido como autônomo, não somente em relação ao seu autor, mas também em relação à situação e ao leitor. A isto Ricoeur denominou de autonomia semântica. Com base nisso, Ricoeur elabora a ideia de uma dialética entre a experiência de pertença ontológica e de distanciamento metodológico como proposta para uma fazer hermenêutico.

A autonomia semântica do texto torna a relação do evento e significação mais complexa e, neste sentido, revela-a como uma relação dialética. O significado autoral torna-se justamente uma dimensão do texto na medida em que o autor não está disponível para ser interrogado. Quando o texto já não responde, então tem um autor, e não já um locutor (RICOEUR, 1976, p. 42)

Ricoeur (1976) afirma que com a escrita, o sentido verbal do texto já não coincide mais com a intenção do autor. Esta intenção é portanto abolida pelo próprio texto que já não é a voz de alguém presente. Não há mais a relação de interlocução ou diálogo com o autor por meio de sua obra como na hermenêutica romântica. Ricoeur apresenta a ideia da mudez textual. Para o filósofo francês, o texto não fala. O texto é mudo. É a pessoa que fala com o texto, ou melhor, a pessoa fala consigo mesmo em face do texto. O texto portanto, desempenha uma função provocadora, o texto inquietta, ele faz pensar sobre coisas. Metaforicamente falando, o texto deixa de ser uma “caixa de pandora” dentro da qual se esconde coisas assustadoras. Nas palavras de Ricoeur (1976, p. 86)

O texto é mudo. Entre o texto e o leitor, estabelece-se uma relação assimétrica na qual apenas um dos dois parceiros fala pelos dois. O texto é como uma partitura musical e o leitor como o maestro que segue as instruções da notação. Por conseguinte, compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objetivou.

O texto, portanto deixa de ser um interlocutor, ele não é alguém com quem se consegue estabelecer um diálogo, o texto é mudo, e porque o texto é mudo, o que se faz com ele é pensar. Nesse sentido o texto não é alguma coisa que conta algo para a pessoa, mas é alguma coisa que dá à pessoa o que pensar. O texto não leva a pessoa a descobrir em seu interior um lugar escondido, uma intencionalidade, um propósito que foi projetado ali pelo autor do texto. Para Ricoeur (1976) a intenção do autor além de ser desconhecida é também, por vezes, inútil e até mesmo prejudicial no que se refere à interpretação do sentido verbal da sua obra.

O que o texto faz então é, a partir de sua leitura, levar o leitor a pensar algo a respeito da realidade, inclusive ele mesmo. A partir de tal reflexão, o próprio leitor passa a ter um entendimento acerca dessa realidade. O leitor é capaz de a si mesmo se conhecer em face do texto. “Se a referência do texto é o projecto de um mundo, então, não é o leitor que primeiramente a si mesmo se projecta. O leitor é antes alargado na sua capacidade de autoprojecção, ao receber do próprio texto um novo modo de ser” (RICOEUR, 1976, p. 106). O ato de compreender adquire o caráter de compreender-se diante do texto, a compreensão de si é portanto mediada pelo texto, “Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição de mundo” (RICOEUR, 1990, p. 58)

É nesse sentido que Ricoeur apresenta em sua teoria da interpretação a noção do texto escrito como uma forma de discurso (discurso sob a forma de inscrição) e o discurso por sua vez como um evento. “Dizer que o discurso é um evento é dizer, antes de tudo, que o discurso é realizado temporalmente e no presente, enquanto que o sistema da língua é virtual e fora do tempo” (RICOEUR, 1990, p. 46) Na medida em que o discurso se apresenta como evento a leitura implica necessariamente numa experiência narrativa, ou seja, que narra a experiência do leitor. Nas palavras de Ricoeur:

Se todo o discurso se actualiza como um evento, todo o discurso é compreendido como significação. Por significação ou sentido designo aqui o conteúdo proposicional, que justamente descrevi como síntese de duas funções: a identificação e a predicação” (RICOEUR, 1976, p. 23).

Dessa forma a maneira como o significado do texto vai se desenhar na consciência do leitor, dependerá necessariamente de modo como o leitor lê o texto a partir de suas próprias experiências, e de sua própria “capabilidade”. Nesse sentido o leitor pode ser levado para muito longe de uma suposta intenção do autor. Surge aqui uma nova maneira de entender a interpretação, pois o texto que outrora guardava um sentido único e passível de ser desvendado, agora possui uma significação, uma realização no discurso próprio do sujeito que lê (RICOEUR, 1990).

Josgrilberg (2012) afirma que a experiência de mundo, da alteridade, da natureza, do tempo, da socialidade etc., tem uma variedade intencional e de perspectivas que fazem jus às maneiras da realidade se dar. Nesse sentido, a percepção produz uma experiência fenomenológica, e essa experiência fenomenológica vai gerar uma verdade que não é mais uma verdade absoluta, mas é uma verdade relativa, relativa ao fato de que as coisas não são mais em-si mesmas, as coisas são para a pessoa tal como esta as possa conceber³. Ou seja, a leitura do texto enquanto evento, implica ela mesma numa experiência narrativa que narra a experiência do leitor enquanto alguém que tem que entender o narrador do texto. Esta experiência se caracteriza como um momento em que o autor está absolutamente apartado de sua criação, por conta disso ela fica à mercê de uma experiência hermenêutica que é a experiência da leitura, e essa experiência da hermenêutica é uma experiência eminentemente fenomenológica.

A fenomenologia opera nessa dinâmica instauradora de sentido, ela é o acolhimento do mundo que se manifesta na vivência intencional, “Ela é a interpretação originária na fonte que acolhe o mundo. É uma interpretação inaugural que se articula com outros caminhos de interpretação. (JOSGRILBERG, 2012, p. 36) Se a fenomenologia ensina que aquilo que se pode conhecer sobre as coisas não é seu sentido absoluto, já que as coisas não são em si, mas é para o sujeito de acordo com sua capacidade de compreender o mundo, o mesmo acontece em termos narrativos. Na hora de produzir um texto e significar o texto, parte-se também do mesmo pressuposto, de que há uma leitura, um recorte que o sujeito faz de acordo com seu poder, sua “capabilidade” de dar conta do significado do texto. Enquanto discurso-

³ O texto nesse sentido comporta uma significação de acordo com o modo de cada um significar. Dessa forma não existe de fato um conhecimento que possa ser tido como totalmente imparcial. Entretanto, o fato de que o significado do texto vai se desenhar na mente do leitor tal como este o possa conceber não significa que a interpretação esteja sujeita a um relativismo “absoluto”. Com relação a isso, Ricoeur trabalha a dialética entre compreensão e explicação, e afirma que “para uma exposição didáctica da dialética de explicação e compreensão enquanto fases de um único processo, proponho descrever esta dialética, primeiro, como um movimento da compreensão para a explicação e, em seguida, como um movimento da explicação para a compreensão. Da primeira vez, a compreensão será uma captação ingênua do sentido do texto enquanto todo. Da segunda, será um modo sofisticado de compreensão apoiada em um procedimentos explicativos. [...] A explicação surgirá, pois, como a mediação entre dois estádios da compreensão. Se se isolar deste processo concreto, é apenas uma simples abstracção [sic], um artefacto da metodologia” (RICOEUR, 1976, p. 86). A explicação portanto desempenha um papel mediador entre o momento de captação de sentido do texto e o momento de compreensão com maior sofisticação. Sendo assim, a explicação desempenha uma função importante no processo interpretativo, no sentido de que quando mais explicação sobre algo melhor será sua compreensão. Entretanto, uma pesquisa mais bem elaborada sobre a fórmula de explicar mais para entender melhor segue apenas como provocação para pesquisas posteriores.

evento, ele se coloca à frente, tal como qualquer objeto fenomenológico ele passa a constituir alguma coisa para o observador e não uma verdade nela mesma.

É possível afirmar portanto que o tipo de produção significadora que se faz do texto passa a pertencer ao leitor deste texto. Nesse sentido, o fazer hermenêutico está relacionado com a forma de ser-no-mundo do leitor. As mensagens, os discursos serão interpretados a mercê dessa experiência de mundo, a mercê da experiência de leitura de quem está a ler o texto. O mundo da vida (*Lebenswelt*) desempenha um papel fundamental também no fazer hermenêutico, “devemos dizer que só nós compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura” (RICOEUR, 1990, p. 58). São, portanto, as coisas do mundo da vida que “alimentam” o sujeito, sua razão, seu entendimento, sua reflexão, suas memórias e seus instintos. São estas coisas do mundo que incitam no sujeito as intuições, os sentimentos, as emoções, e que permitem alcançar o tal do sentido do texto. É este entrelaçamento com o objeto, com o mundo, e com os outros que permite alcançar o sentido do texto.

O ser humano é portanto constituído historicamente e nesse sentido a experiência de mundo é necessariamente trazida à linguagem. De acordo com Ricoeur (1976) a linguagem não é um mundo próprio, nem mesmo é um mundo, mas devido ao fato de que o ser humano se encontra no mundo, porque é afetado por situações e porque se orienta mediante a compreensão em tais situações, se tem algo a dizer, há a experiência para trazer à linguagem. Dessa forma, “A noção de trazer a experiência é a condição ontológica da referência” (RICOEUR, 1976, p. 32). Ou seja, é a experiência de colocar-se diante da sua própria condição ontológica no mundo. É por isso que a experiência é ao mesmo tempo hermenêutica e fenomenológica. Essa produção de sentido é um evento ontológico. O nascimento do sentido se dá a partir do modo de ser-no-mundo.

Tendo em conta que o sentido do texto não está detrás do texto, mas à sua frente. “Não é algo de oculto mas algo de descoberto” (RICOEUR, 1976, p. 99) o que importa compreender não é a situação inicial mas o mundo possível aberto pela referência do texto. Compreender um texto é seguir seu movimento do sentido para a referência, pensar o sentido do texto como uma nova maneira de olhar as coisas. A referência nesse sentido mais do que mostrar diz respeito também à criação de um novo modo de ser.

A relação entre hermenêutica e fenomenologia começa a se mostrar evidente na medida em que se percebe que todo o processo de interpretação está atrelado à questão do sujeito, e quem responde a questão do sujeito é a fenomenologia. Nesse sentido a hermenêutica de Ricoeur acaba sendo chamada de hermenêutica do si, porque quando se está diante de um texto e se propõe a interpretar esse texto, na verdade se está diante de si mesmo, de modo que trabalhar na construção de sentido é trabalhar na construção de si mesmo. Como afirma Pieterzack (2009) a interpretação de um texto se completa na interpretação de “si”, de um sujeito, que daquele instante em diante se compreende melhor, se compreende de uma maneira diferente, ou que começa mesmo a se compreender. A hermenêutica nesse sentido envolve tanto a questão de compreender como a alteração no modo de ser de quem compreende. De acordo com Ricoeur (1990) o *si* é formado pelo mundo do texto e não o seu contrário.

Se é verdade que a hermenêutica se completa na compreensão de si, é preciso rectificar o subjectivismo desta proposição, dizendo que compreender-se é compreender-se em face de o texto. A partir daí o que é apropriação de um ponto de vista é desapropriação de um outro ponto de vista. Apropriar é fazer com que o estranho se torne próprio. O que é apropriado é, na verdade, a coisa do texto. Mas a coisa do texto só se torna o meu próprio se eu me desapropriar de mim mesmo, para deixar ser a coisa do texto. Então eu troco o eu, dono de si mesmo, pelo si, discípulo do texto (RICOEUR, 1989, p. 64).

Quando se faz a pergunta sobre quem é esse sujeito da experiência, refere-se a uma alteridade, a um outro. Entretanto, esse outro não é um sujeito distante, o outro é aquele que em face do próprio sujeito pensa as coisas que se diz a ele próprio. O sujeito estabelece um diálogo com ele mesmo. Na experiência da leitura, o outro se encontra no sujeito. Este outro, nada mais é do que o próprio sujeito que se coloca diante dele mesmo numa postura crítica, de indagação e que busca entendimento.

Na medida em que o sujeito se coloca diante de um texto, a primeira pessoa que aparece é este “eu”, leitor que se coloca em face de um “tu” que é o falante. Este falante, diz respeito àquilo que as filosofias anteriores chamaram de intenção do autor no texto, mas que de acordo com a proposta de Ricoeur é uma transposição da própria razão do sujeito. Esta experiência portanto faz referência àquele momento em que o sujeito se depara com o texto e procura entendê-lo.

A experiência da leitura funciona como se o sujeito guardasse dentro de sua totalidade uma dupla identidade, a de um “eu” que fala e a de um “tu” que escuta. Esse “eu” aparece num primeiro momento como leitor, e na medida em que a leitura é iniciada, ele passa a trocar de papel para se tornar o próprio texto falando. Dessa forma, o sujeito assume o lugar do “tu” como ouvinte. Este é um processo dialógico de reflexão que se encontra presente em todo sujeito. O refletir em busca de significação aponta para um sujeito que é dado e que se conhece por meio da linguagem na qual se encontra inserido. A reflexão neste sentido é posterior ao existir e se constitui como ato segundo, como afirmou Ricoeur (1989) a reflexão se constitui como um “ato de retorno a si” através do qual o sujeito é capaz de readquirir o sentido existencial. É portanto na existência humana interpretada que se pode encontrar o lugar do sentido.

A experiência do si, nesse sentido tal como afirmou Ricoeur, é a experiência de colocar-se diante da sua própria condição ontológica no mundo. É por isso que a experiência é ao mesmo tempo hermenêutica e fenomenológica. Segundo Josgrilberg (2012) o ser sujeito para Ricoeur é ser intérprete de si, do outro, da sociedade por meio dos textos da vida sedimentados no tempo. Para Ricoeur a hermenêutica, embora inclua a passagem pelo método, é mais que método porque é o acolhimento inaugural do mundo. “É decifrando signos que existimos. O sujeito nunca é dado diretamente (como no *cogito* cartesiano). O sujeito se reconhece em obras que trazem o sentido humano inscrito nelas e na presença do outro” (JOSGRILBERG, 2012, p. 41, grifo do autor).

O texto adquire o caráter de ser algo que atravessa o sujeito ao mesmo tempo que é atravessado pelo sujeito. O texto atravessa o sujeito porque mexe com a percepção da realidade deste, por outro lado, o texto é atravessado pelo sujeito porque ao pensar no texto em questão não se pensa de uma forma universal, mas a partir da capacidade do sujeito.

o sujeito que se interpreta ao interpretar os sinais signos já não é o *Cogito*: é um existente que descobre, pela exegese da sua vida, que está posto no ser mesmo antes de se pôr e de se possuir. Assim, a hermenêutica descobre uma maneira de existir que permaneceria de ponta a ponta *ser-interpretado*. Só a reflexão, abolindo-se a si mesma como reflexão, pode reconduzir às raízes ontológicas da compreensão. Mas isto não deixa de acontecer na linguagem e através do movimento da reflexão. Tal é a via árdua que vamos seguir (RICOEUR, 1978, p.13, grifo do autor).

Se o mundo adquire sentido para “mim”, e este para “mim” denota essa intencionalidade, esse ponto referencial de constituição do mundo, de sentido no

mundo, então o sujeito interfere necessariamente na construção de sentido desse mundo, do conhecimento desse mundo. Fenomenologicamente falando, o conhecimento é algo que sempre sofre influência da percepção. A percepção implica num modo de sentir a coisa. O tipo de conhecimento que se aprende é sempre uma compreensão para alguém, e por consequência, não é possível conhecer a verdade em si, o que se tem portanto não é “a verdade” mas sentidos verdadeiros.

A consciência é um conjunto de significações que se entrelaçam entre o sujeito e objeto, prescrevendo assim um campo fenomenológico. Se o discurso agora não é mais visto como algo que contem a ideia do autor, ou como possuindo um sentido em-si, mas como um evento, então a experiência desse evento se dá nessa dinâmica de ida em relação ao objeto e de volta como sentido, mas esse sentido, não é o sentido oculto no texto, mas um sentido que se desenha na mente do leitor tal como esse o possa conceber. Ou seja, como evento, o texto pode receber significação que vai depender do modo de ser-no-mundo do leitor. Dessa forma, como afirma Ricoeur (1976), a compreensão tem menos do que nunca a ver com o autor e a sua situação, o sentido do texto não está por detrás, mas à sua frente. “o horizonte do mundo do leitor funde-se com o horizonte do mundo do escritor. E a idealidade do texto é o vínculo mediador neste processo de fusão de horizonte” (RICOEUR, 1976, p. 105)

Para Ricoeur, o sentido de um texto está aberto a qualquer um que possa ler. O texto se encontra subtraído ao seu autor e à sua situação, assim como, se encontra também subtraído ao seu endereçado original.

Não é a intenção do autor, que se encontra supostamente oculta por detrás do texto; não é a situação histórica comum ao autor e ao seus leitores originais; não são as expectativas ou sentimentos desses leitores originais; nem sequer a autocompreensão que de si tinham como fenômenos históricos e culturais. Aquilo de que importa apropriar-se é o sentido do próprio texto, concebido de um modo dinâmico como a direção do pensamento aberta pelo texto. Por outras palavras, aquilo de que importa apropriar-se nada mais é do que o poder de desvelar um mundo, que constitui a referência do texto. Desta maneira, estamos o mais longe possível do ideal romântico de coincidir com uma psique alheia. Se se pode dizer que coincidimos com alguma coisa não é com a vida interior do outro ego, mas com o desvelamento de um modo possível de olhar para as coisas, que é genuíno poder referencial do texto. (RICOEUR, 1976, p. 104)

Em termos de aproximação entre hermenêutica e fenomenologia pode-se dizer, portanto que o foco central da questão hermenêutica é atravessada pela questão do sujeito. O sujeito é o ponto de cruzamento entre hermenêutica e fenomenologia. Como afirma Josgrilberg (2012) é nas expressões da vida que a pessoa se objetiva (textos, monumentos, obras de arte, etc.) e é aí que a mediação hermenêutica é necessária para que seja possível o reconhecimento de si e do mundo.

Diante do texto o desafio é de encontrar um sentido para si no mundo, mas o sentido não é algo que está no texto, mas na própria experiência de significação. “É o texto, com seu poder universal de desvelamento de um mundo, que fornece um Si mesmo ao ego” (RICOEUR, 1976, p. 106). Com isso, a experiência do sujeito interfere necessariamente na construção de sentido e de conhecimento de mundo, e essa experiência do sujeito é uma questão fenomenológica, a experiência do reconhecimento se constitui fenomenologicamente. Dessa forma, a aproximação entre fenomenologia e hermenêutica na busca pelo sentido se dá sempre em torno da experiência do sujeito-intérprete em face do texto.

Considerações Finais

A união entre hermenêutica e fenomenologia inaugura uma nova maneira de encarar o texto. Interpretar já não diz respeito ao desvendamento de um sentido oculto no texto deixado ali pelo autor, interpretar é descobrir qual é o seu próprio significado em face daquele texto. A proposta romântica de reconhecer a intenção do autor do ponto de vista dos endereçados primitivos, na situação original do discurso para alcançar o tal sentido do texto abre espaço para a experiência de deixar-se questionar e conduzir pelo texto a fim de compreender-se em face dele e receber as condições de possibilidade para uma nova forma de ser no mundo.

A interpretação, então, é entendida tanto hermeneuticamente como fenomenologicamente. Interpretar se torna uma questão de compreensão prévia do próprio ser-no-mundo, uma experiência que mostra as possibilidades do sujeito poder assumir o lugar da sua própria história. Nesse sentido, a significação aparece ao sujeito como uma tentativa de dizer quem este se tornou em face do texto. A experiência de interpretação do texto é na verdade uma experiência de auto-significação. Dessa forma, é possível afirmar que a experiência do sujeito interfere necessariamente na construção de sentido do texto que se desenha na mente do leitor tal como este o possa conceber, mas sem gerar com isso um pleno relativismo. Tal experiência vivida pelo sujeito marca o encontro entre hermenêutica e fenomenologia na busca pelo sentido, pois, todo o processo hermenêutico está atrelado à questão do sujeito, e quem responde a questão do sujeito é a fenomenologia.

Referências

- GRONDIN, J. *Introdução à hermenêutica filosófica*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. *Hermenêutica Fenomenológica e a tematização do sagrado*. In NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. *Que é hermenêutica?*. *Revista Internacional d'Humanitats*. São Paulo / Barcelona. Ano XX, n. 39 e 40 p. 75 – 94, jan-abr. 2017, mai-ago. 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PIETERZACK, Cristiane. *A interpretação em Paul Ricoeur: uma discussão para reformulação da hermenêutica*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2009
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Trad. Artur Morão. Edições 70, 1976.
- _____. *Do texto à ação*. Porto: Rés Editora, 1989.
- _____. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- _____. *O conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- SCHLEIERMACHER, F. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Hermenêutica e Crítica; com um anexo de textos de Schleiermacher sobre filosofia da linguagem – I*. Tradução de Aloísio Ruedell e Revisão de Paulo R. Schneider. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

Recebido para publicação em 09-02-17; aceito em 11-03-17